

**Estágio em jornalismo: novas oportunidades
de atuação para a conquista de
conhecimento, valores e saberes**

Journalism internship: new job possibilities
for acquiring knowledge, values and skills

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



MARIA ELISABETE ANTONIOLI¹

FRANCINE ALTHEMAN²

RESUMO

O trabalho discute o processo de estágio supervisionado do curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM-SP), a partir das novas diretrizes curriculares nacionais – resolução CNE/CES nº 1/2013, e das normas regulamentares criadas na instituição. Considera, nessa discussão, os aspectos da profissão de jornalista e suas configurações atuais do mercado de trabalho. Observa-se, ainda, as questões sociais que estão intrinsecamente associadas ao trabalho, como valorização, reconhecimento, capital social e humano e a própria construção da identidade de cada sujeito, bem como o perfil geracional dos estudantes que estão em processo de estágio atualmente. Tem como fundamentação teórica a legislação que embasa as questões discutidas e trabalhos de autores que refletem sobre os temas supracitados.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino. Estágio. Jornalismo. Mercado de trabalho. Perfil geracional.

ABSTRACT

The paper discusses the supervised internship process of the Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP) school of Journalism, based on the new national curricular guidelines – CNE/CES resolution 1/2013, and the regulatory norms created at the institution. It considers, in this discussion, the aspects of the profession of journalist and its current configurations of the labor market. It is also observed the social issues that are intrinsically associated with work, such as valorization, recognition, social and human capital, and the construction of the identity of each person, as well as the generational profile of the students who are currently in the process of internship. It has as theoretical foundation the legislation that bases the issues discussed and works of authors who reflect on the themes mentioned above.

KEYWORDS

Education. Internship. Journalism. Labor market. Generational profile.

Recebido em: 09/09/2017. Aceito em: 20/12/2017.

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Comunicação e Educação pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Coordenadora do curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP). E-mail: mantonioli@espm.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5554699672476575>.

² Doutoranda em Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Comunicação na Contemporaneidade pela Faculdade Cásper Líbero. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora do curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP). E-mail: francine.altheman@espm.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3239541135205980>.

Estágio em jornalismo:

novas oportunidades de atuação para a conquista de conhecimento, valores e saberes

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo procura discutir o processo de estágio supervisionado do curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM-SP), instituído no primeiro semestre de 2016. Com a definição das novas diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em Jornalismo – resolução CNE/CES nº 1/2013 –, o estágio curricular supervisionado tornou-se componente obrigatório da matriz curricular. Com isso, os cursos de Jornalismo tiveram que criar regulamentação própria de estágio e se adequar à essa realidade, pensando em todo o processo, que deve envolver não somente o estágio em si, mas também uma reflexão acadêmica sobre a atuação profissional do aluno, com a devida orientação pedagógica.

Além do regulamento de estágio, o curso de Jornalismo da ESPM-SP procurou refletir sobre diversos aspectos que envolvem esse processo. Procurou-se considerar, primeiramente, os aspectos da profissão de jornalista e suas configurações atuais, em um mercado redacional mais enxuto, mas que abre oportunidades para o empreendedorismo e para outras áreas da comunicação. Pesquisas desenvolvidas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com o apoio e acompanhamento da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), e pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), sob o comando da professora Roseli Fígaro, dão subsídios para compreender esse cenário e as áreas de atuação do profissional.

Também se observou as questões sociais que estão intrinsecamente associadas ao trabalho, como valorização, reconhecimento, capital social e humano e a própria construção da identidade de cada sujeito. Para isso, recorreremos a autores que se debruçam sobre essas questões, como Axel Honneth (2003), André Gorz (2005) e Emmanuel Renault (2007) e da própria legislação educacional.

O artigo analisa em seguida o perfil geracional dos estudantes que estão em processo de estágio atualmente. Compreende-se que são jovens em transição entre a geração Y (nascidos entre 1980 a 1999) e a geração Z (nascidos a partir de 2000). No entanto, para a análise proposta, tomou-se como referência a geração Y, pois os estudantes analisados nasceram entre 1995 e 1998. Para entender o perfil e valores dessa geração, tomou-se como

referência estudiosos da área, como Sidnei Oliveira (2010), Nicole Lipkin e April Perrymore (2010), considerando ainda pesquisa realizada pela Cia. dos Talentos em 2016 com jovens com esse perfil geracional.

Por fim, apresentamos a configuração do estágio supervisionado do curso de Jornalismo da ESPM-SP, bem como o perfil dos estagiários, correlacionando com as áreas de atuação.

2 PRECARIZAÇÃO DA PROFISSÃO OU NOVAS ÁREAS DE ATUAÇÃO?

A profissão de jornalismo sempre foi marcada pelo discurso da mudança, com tendência apocalíptica: com a chegada da TV, seria o fim do rádio; com o estouro da internet, decretou-se o fim do jornalismo impresso. Mudam-se os meios, mas o DNA do jornalista parece permanecer o mesmo. Será?

É fato que a profissão tem passado por metamorfoses importantes nas últimas décadas. No Brasil, por exemplo, a discussão sobre o diploma para exercer a profissão tem sido uma questão em constante disputa e faz parte, inclusive, da construção da identidade dos cursos de graduação e do próprio fazer jornalístico. Durante 40 anos – de 1969 a 2009 – a lei brasileira definiu que apenas os graduados em Jornalismo poderiam exercer a profissão. Nesse sentido é importante registrar o decreto-lei 972, de 17 de outubro, de 1969 que dispôs sobre a profissão do jornalista exigiu o diploma de curso superior de Jornalismo para o registro profissional. O decreto nº 83.284, de 13 de março de 1979, deu nova regulamentação ao anterior e à exigência do diploma de curso superior de Jornalismo foi acrescida “ou Comunicação Social, habilitação Jornalismo”, o curso oferecido e criado no ano de 1969. Em 2001, a juíza substituta Carla Rister, da 16ª Vara Cível da Justiça Federal em São Paulo, concedeu liminar suspendendo provisoriamente a obrigatoriedade de exigência do diploma de jornalismo para a obtenção do registro profissional. Essa história teve diversos desdobramentos até 2009, quando os ministros do Supremo Tribunal Federal votaram contra a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão por oito votos contra um.³

³ As entidades de classe, como a FENAJ, FNPJ, SBPJor e os sindicatos dos jornalistas brasileiros, passaram a pressionar o Congresso Nacional a fim de restabelecer a obrigatoriedade do

Estágio em jornalismo:

novas oportunidades de atuação para a conquista de conhecimento, valores e saberes

Mesmo com a definição legal, muitos continuaram a fazer carreira sem ter formação superior em Jornalismo e a polêmica nunca foi contida. Muitos atores sociais, especialmente ligados ao mercado e aos empresários de mídia, questionam que uma profissão tão atrelada à prática e ao fazer cotidiano deva ter a chancela de uma formação superior específica. Por outro lado, outros atores, principalmente ligados às entidades patronais e ao poder público, refletem que a identidade profissional do jornalista necessita de uma formação ampla, que envolve princípios éticos e deontológicos, bem como políticos e tecnicistas (LOPES, 2013; ALVES, 2015).

Com a pressão dos sindicatos pela demissão dos que não tinham formação superior em Jornalismo, a partir da década de 1990 houve muitas solicitações aos tribunais para manter nas redações os não diplomados, o que acarretou em decisões contrárias à obrigatoriedade do diploma. Tal decisão aconteceu concomitantemente às discussões sobre a formação universitária e o perfil do jornalista em um mundo de tecnologias digitais e novos mercados de trabalho que se abrem. Entre 2008 e 2009, começa a tomar forma a proposta de revisão das diretrizes curriculares para os cursos de Jornalismo, pontapé para redefinir concretamente o campo jornalístico em um mercado contemporâneo.

A realidade brasileira dos primeiros anos do século XXI mostra as consequências negativas da implementação de um modelo econômico neoliberal, como a informalidade e as altas taxas de desemprego em vários setores. O jornalismo padece desses males há alguns anos, especialmente a informalidade⁴ (LOPES, 2013). Os meios de comunicação tradicionais (jornais, rádios e redes de televisão) não abrem muitas oportunidades de trabalho e vê-se, cada vez mais, o enxugamento das redações. Surgem novos campos de mídia, especialmente ligados às novas tecnologias, e outros campos tradicionais, como a assessoria de imprensa, passam por repaginações.

diploma para o exercício profissional do jornalista, com a proposta de uma nova regulamentação da profissão (ALVES, 2015).

⁴ Atualmente, especialistas discutem as consequências da reforma trabalhista na precarização do mercado de trabalho, mas o jornalista já lida com a informalidade há muitos anos – terceirização, contratação via PJ, trabalhos freelancers etc. são situações comuns no mercado de trabalho jornalístico.

Pesquisa⁵ mais recente realizada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), com o apoio do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ) e da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), mostra que 55% dos jornalistas brasileiros trabalham em veículos de comunicação, 40% atuam fora da mídia, em trabalhos que utilizam conhecimento jornalístico, como assessoria de imprensa ou comunicação corporativa, e 5% trabalham em docência (BERGAMO; MICK; LIMA, 2013).

Dos jornalistas que trabalhavam em veículos de comunicação, 63,9% atuavam em mídia impressa, 44,6% em internet, 33,6% em TV, rádio ou cinema, e 20,5% em outras mídias. No entanto, 76% afirmaram que divulgam seu trabalho integralmente ou em grande parte pela internet, ou seja, mesmo atuando em veículos tradicionais, a divulgação já não acontece mais de modo tradicional. É importante ressaltar que a pesquisa aconteceu em 2012. Com a velocidade das mudanças tecnológicas, é provável que os índices tenham se alterado consideravelmente.

Dos profissionais que não atuam em mídias, um terço trabalhava em empresas ou órgãos públicos, outro terço em empresas privadas especializadas em assessoria de imprensa ou comunicação corporativa; os demais dividiam-se, principalmente, entre organizações do terceiro setor ou da sociedade civil e empresas privadas. Desses, 68,3% foram contratados para exercer atividade de assessor de imprensa ou comunicação.

A pesquisa também revelou que 98% dos profissionais têm formação superior, dos quais 91,7% em Jornalismo – um dado importante para entender o impacto do crescimento da oferta de força de trabalho graduada na reformulação do campo profissional.

Outra pesquisa realizada na mesma época, no Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da Escola de Comunicações e Artes da USP, mostrou que as transformações ocorridas nos meios de comunicação, devido especialmente ao advento das novas tecnologias e da cultura de convergência

⁵ Pesquisa realizada em 2012 (dados divulgados em 2013) com 2.731 jornalistas de todas as unidades da federação e exterior (margem de erro de 2%). Disponível em: <<http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2017.

Estágio em jornalismo:

novas oportunidades de atuação para a conquista de conhecimento, valores e saberes midiática, impactaram profundamente os processos de produção do jornalismo e, conseqüentemente, o perfil do jornalista. Segundo Roseli Fígaro (2013), coordenadora da pesquisa:

O tempo e o espaço, comprimidos pelas possibilidades das tecnologias de comunicação e de informação, foram assimilados nos processos de produção de modo a reduzir o tempo para a reflexão, a apuração e a pesquisa no trabalho jornalístico. O espaço de trabalho encolheu e ao mesmo tempo diversificou-se, transformando as grandes redações em células de produção que podem ser instaladas em qualquer lugar com internet e computador. O jornalismo on-line, em tempo real, os blogs e as ferramentas das redes sociais são inovações nas rotinas profissionais. (FÍGARO, 2013).

As pesquisas estão em consonância com a estratégia de construção das novas diretrizes curriculares, mais focadas na formação do jornalista contemporâneo transformador, multifacetado, capaz de atuar em um cenário tecnológico, com viés empreendedor e inovador.

O estágio curricular obrigatório para os estudantes do curso de Jornalismo nasce também dessa reformulação curricular, buscando ampliar a prática jornalística tão cara à formação desse profissional.

192 |

3 ESTÁGIO OBRIGATÓRIO PARA O CURSO DE JORNALISMO

Nas novas diretrizes curriculares nacionais para os cursos de Jornalismo,⁶ ficou definido o estágio curricular obrigatório, com o objetivo de consolidar a prática profissional do formando. A tensão entre teoria e prática na formação do jornalista sempre esteve presente e o propósito de levar o estudante ao mercado de trabalho por meio de estágio é uma estratégia curricular para dar ênfase aos fazeres jornalísticos no dia a dia.

No entanto, entidades profissionais, como a FENAJ, o FNPJ e os sindicatos, posicionaram-se contrariamente ao estágio obrigatório, recomendando que este fosse componente optativo do currículo. Com a precariedade do mercado de trabalho jornalístico, havia o receio de que o

⁶ Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013. Institui as diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências.

estagiário substituísse o profissional formado, sendo explorado como mão de obra barata.

[...] buscaram evitar que, sob a justificativa de estágio, o mercado de trabalho explorasse os estudantes, e aviltasse a profissão por demais já atacada e não contribuísse com a formação dos futuros profissionais, porque era e continua sendo exatamente essa a realidade. Se realmente fosse necessária a volta do estágio, este teria de retornar a partir de entendimentos e mudanças que envolvessem não apenas sua prática, mas todo o processo de formação em jornalismo. (FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO; FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS, 2015, p. 3-4).

O entendimento, portanto, das entidades era de que o estágio deveria ser realizado no âmbito acadêmico, não obrigatório. A Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação, no entanto, manteve o posicionamento a favor da obrigatoriedade do estágio e, para tentar evitar a utilização do estagiário como mão de obra barata, incorporou às diretrizes critérios que buscam evitar a substituição do profissional formado. Por exemplo, o artigo 12, parágrafo 4º, afirma:

É vedado convalidar como Estágio Curricular à prestação de serviços, realizada a qualquer título, que não seja compatível com as funções profissionais do jornalista; que caracterize a substituição indevida de profissional formado ou, ainda, que seja realizado em ambiente de trabalho sem a presença e o acompanhamento de jornalistas profissionais, tampouco sem a necessária supervisão docente (BRASIL, 2013, p. 7).

No *Relatório da Comissão de Especialistas* instituída pelo Ministério da Educação, produzido em 2009, e que deu origem à resolução CNE/CES 1/2013, consta, por sua vez, que o estágio supervisionado é uma antiga reivindicação dos estudantes, possibilitando a interação da universidade com o setor produtivo. De acordo com esse documento:

O Estágio Curricular Supervisionado é um componente do currículo, tendo como objetivo consolidar práticas de desempenho profissional inerente ao perfil do formando, definido em cada instituição, por seus colegiados acadêmicos, a quem compete aprovar o regulamento correspondente, com suas diferentes modalidades de operacionalização. (DIRETRIZES..., 2009, p. 22).

Estágio em jornalismo:

novas oportunidades de atuação para a conquista de conhecimento, valores e saberes

Fica claro que o estágio foi proposto como instrumento pedagógico, para complementar a formação.⁷ O desafio que se apresenta é conseguir sê-lo, considerando todos os aspectos que envolvem a profissão, entre eles a precarização do mercado de trabalho. Exige-se, para tanto, o acompanhamento crítico do professor orientador na faculdade, que supervisiona o processo de estágio, interagindo com o estudante e os aportes recebidos por ele durante suas atividades no estágio; deve ter também um supervisor com formação superior em Jornalismo, que irá direcionar o aluno em suas tarefas diárias como estagiário. Tais medidas, em tese, evitariam que o profissional formado fosse substituído por estagiários ou que houvesse desvios de função.

Esse pode ser o cenário ideal dos grandes centros urbanos brasileiros – estagiários complementando sua formação, aprendendo com profissionais formados – em que o estágio em jornalismo se apresenta com menos dificuldade. No entanto, em cidades pequenas, onde a oferta de trabalho para jornalistas é mínima, quase inexistente, o estágio curricular obrigatório torna-se um desafio ainda maior para as universidades e para os estudantes.

Nesse sentido, a proposta conjunta da FENAJ e do FNPJ para a construção de regulamentos de estágio curricular supervisionado em Jornalismo (2015), considerou essa dificuldade e ponderou sobre a questão, sem deixar de considerar o caráter pedagógico do estágio:

[...] também se recomenda que, nos pequenos municípios que abrigam Cursos de Jornalismo e que estão distantes de grandes e médios centros, as instituições de ensino, os sindicatos e as empresas busquem estabelecer, de comum acordo, outros critérios para esta norma específica [onde fazer o estágio]. Isto, contudo, preservando o seu sentido, que é evitar a distorção do espírito pedagógico do estágio com a exploração dos estudantes como mão de obra barata e/ou desvios de função (o que é vedado inclusive pela Lei do Estágio e pelas DCNs), e assim contribuindo para a preservação de um saudável mercado profissional, inclusive aos próprios egressos do curso. (FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO; FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS, 2015, p. 14).

Ressalta-se, assim, que, além da precarização do mercado de trabalho jornalístico, a discussão sobre as diferentes realidades que envolvem a

⁷ De acordo com a resolução CNE/CES 1/2013, a carga horária mínima de estágio a ser cumprida pelo estudante é de 200 horas e recomenda-se que este seja realizado nos últimos semestres do curso, quando o aluno já tem bagagem teórica e acadêmica para entrar no mercado de trabalho.

profissão, bem como seu reconhecimento, são questões caras ao jornalismo. Portanto, é importante trazer à tona esses conceitos, indissociáveis das análises do perfil do estagiário em jornalismo.

4 A BUSCA POR RECONHECIMENTO NO AMBIENTE DE TRABALHO

Antes de considerar o perfil dos estagiários em jornalismo, ou mesmo do profissional jornalista, como vimos nas pesquisas reveladas acima, é importante refletir sobre as relações que emergem no âmbito do trabalho e sua ligação com os processos comunicativos.

O ambiente de trabalho e as atividades aí desenvolvidas envolvem a comunicação intersubjetiva, a construção de capacidades e habilidades comunicativas, a representação de papéis, o desempenho performático, a construção de si pelo discurso, a negociação argumentativa, os conflitos morais, o sofrimento, a busca de valorização, enfim, o desenho comunicativo das relações de trabalho envolve padrões de julgamento do outro, expectativas de desempenho, modos cooperativos de produção e, sobretudo, assimetrias e tensões de poder diversas (RENAULT, 2007; HONNETH, 2003).

Tais questões, que envolvem, em linhas gerais, reconhecimento no trabalho, são fundamentais para compreender o perfil dos jovens que ingressam no mercado de trabalho e suas expectativas diante desse novo universo. O reconhecimento é fundamental, inclusive, para se pensar em estratégias de comunicação organizacional para atrair e manter os funcionários.

Ao prosseguir esta questão, provavelmente seríamos forçados a reformular a problemática do reconhecimento como ideologia argumentando que a contribuição das expectativas de reconhecimento para a ideologia passa pela ausência de uma solução de continuidade entre o reconhecimento da atividade (de "fazer") e reconhecimento da identidade (de "ser"). Como se sabe, o que está em jogo no trabalho não é apenas a realidade e sua utilidade para a empresa, mas também a competência e a utilidade social, esses últimos elementos que definem a identidade profissional ou da profissão. A identidade pessoal entre si diretamente envolvida através desta identidade profissional.⁸ (RENAULT, 2007, p. 134-135, tradução nossa).

⁸ "En poursuivant cette interrogation, on serait sans doute reconduit à reformuler la problématique de la reconnaissance comme idéologie en avançant que la contribution des

Estágio em jornalismo:

novas oportunidades de atuação para a conquista de conhecimento, valores e saberes

As incertezas do mercado de trabalho jornalístico e a precarização da profissão nos últimos anos, transformou sua identidade profissional. A flexibilidade transferiu ao jornalista o peso da incerteza, que veio junto com as tensões e assimetrias. Nesse sentido, sua identidade pessoal também foi subjugada, conforme detectado em pesquisa da USP, já mencionada.

Como mão de obra maleável, seja em termos de horário, de jornada de trabalho ou de um vínculo empregatício, esses profissionais não podem planejar suas vidas em termos econômicos nem em termos afetivos (FÍGARO, 2013).

A pesquisa supracitada também mostrou que o jornalista começa a trabalhar muito cedo, antes mesmo de terminar a faculdade. Como esses jovens, que entram atualmente no mercado de trabalho, descrevem sua própria condição ao serem instados a refletir sobre sua inserção no ambiente de trabalho? Como o reconhecimento (ou sua ausência) no trabalho se relaciona com os processos de subjetivação ligados à autorrealização, aos vínculos no trabalho e mesmo à sua formação profissional?

Essas são questões cruciais para compreender o perfil do estagiário em jornalismo que está entrando nesse processo de contratação.

5 GERAÇÃO Y: CONHECIMENTO E RECONHECIMENTO

Os alunos que serão observados nesse processo de estágio fazem parte da chamada geração Y, também conhecida como *millennials*.⁹ Nascidos entre 1980 e 1999, esses jovens estão chegando à vida adulta e ao mercado de trabalho, são extremamente informados: é a primeira geração totalmente conectada.

attentes de reconnaissance à l'ideologie passe par l'absence de solution de continuité entre reconnaissance de l'activité (du "faire") et reconnaissance de l'identité (de "l'être"). Comme on le sait, ce qui est en jeu dans le travail, ce n'est pas seulement la réalité du travail et son utilité pour l'entreprise, mais aussi la compétence et l'utilité sociale, ces derniers éléments définissant l'identité professionnelle ou de métier. L'identité personnelle entre elle-même directement en jeu par l'intermédiaire de cette identité professionnelle." (RENAULT, 2007, p. 134-135).

⁹ Há algumas controvérsias entre os autores pesquisados se esta geração seria a Y ou a geração Z, os *centennials*. No entanto, apesar de parecer que as gerações estão em transição, optou-se por trabalhar os conceitos da geração Y, que abarca a faixa etária da maioria dos alunos estudados.

O reconhecimento, o compromisso com a sustentabilidade e a inovação são questões cruciais para essa geração quando se busca uma empresa para trabalhar, como mostra pesquisa realizada pela Cia. dos Talentos em 2016.¹⁰ Nesse sentido, compreende-se o reconhecimento como o modo pelo qual se efetiva a dignidade do indivíduo e se afirma o valor de sua identidade. Assim, reconhecer o valor do trabalho do sujeito é reconhecer a própria dignidade do trabalhador (HONNETH, 2003; RENAULT, 2007).

O trabalho postula reconhecimento, mas nem sempre as empresas propõem condições ideais para seu desenvolvimento. Os jovens da geração Y não aceitam trabalhar para uma empresa que não preenche essas lacunas fundamentais em seus conceitos: reconhecimento, qualidade e inovação. Qualidade, segundo a pesquisa supracitada, significa respeito pelas pessoas e comprometimento com a construção de um futuro melhor para todos, ou seja, uma atuação responsável e sustentável; inovação significa melhorar sempre e acompanhar as necessidades de mercado, além de ter uma preocupação real com a contribuição para uma sociedade melhor.

Segundo o comunicólogo e administrador Sidnei Oliveira (2010), especialista em estudos de geração, os jovens com esse perfil, ao contrário das gerações anteriores, são preocupados com o 'agora'. Eles pensam menos no futuro e vivem mais o presente. Por isso, é importante para eles ter um trabalho que possibilite aprendizado diário e conciliação com uma vida pessoal de qualidade, que inclui viagens, tempo para processos terapêuticos, cursos e autoconhecimento. A pesquisa da Cia. dos Talentos mostra que 24% dos entrevistados querem equilíbrio de vida, 24% desejam aceleração na carreira e 12% disseram que querem fazer a diferença social/ambiental.

Eles [jovens da geração Y] **querem ser felizes agora**, não querem esperar chegar à idade da aposentadoria, quando decerto estarão mais limitados fisicamente e terão se acostumado com um estilo de vida a um padrão de conforto que restringirá suas escolhas. [...] Essa geração sabe que tem grandes desafios pela frente e não quer desperdiçar seu tempo. O senso de urgência dos jovens precisa ser compreendido, pois está completamente **alinhado ao momento de vida** pelo qual eles estão passando. (OLIVEIRA, 2010, p. 116-117, grifos do autor).

¹⁰ Carreira dos sonhos 2016. Disponível em: < <http://www.ciadetalentos.com.br/esj/brasil.php>>. Acesso em: 1 set. 2017.

Estágio em jornalismo:

novas oportunidades de atuação para a conquista de conhecimento, valores e saberes

Esta é a geração, portanto, que exige mudanças na cultura organizacional, para construir empresas que 'mereçam' esses profissionais multitalentosos, criativos, extremamente informados e conectados, mas também ansiosos, dispersos e com alguma dose de imaturidade. Cabe aos líderes desenvolver essas habilidades e usá-las a favor da empresa (OLIVEIRA, 2010).

Por isso, não é raro as empresas apresentarem suas vagas de estágio ou trainees como se fosse uma grande campanha de marketing, 'vendendo' para os candidatos as vantagens de ser um funcionário da companhia. Essas campanhas focam menos nos planos de carreira e mais nas estruturas e processos de trabalho, já buscando a aderência ao universo da geração Y.

Outra pesquisa sobre a geração Y realizada em 2016 por pesquisadores da Universidade Federal de Santa Maria (COMAZZETTO et al., 2016) também mostra que os jovens buscam autonomia, flexibilidade e liberdade quando questionados sobre o sentido do trabalho e, indo ao encontro dos demais estudos citados, vida pessoal e familiar tem um peso preponderante para esta geração.

De modo geral, percebeu-se que os principais sentidos referenciados ao trabalho relacionam-se fortemente com questões de ordem pessoal, como família, com questões de identificação e autorrealização vinculadas ao trabalho, com aspectos como desafio e autonomia, que dizem respeito ao que os indivíduos esperam por parte das organizações e, ainda, à busca pela qualificação profissional. Desses elementos, observou-se que a questão da liberdade, do gostar do que se faz e da busca por qualificação profissional ganharam espaço de destaque dentre os participantes da geração Y, o que pode levar a pensar nesses aspectos como características dessa geração, no que se refere ao sentido e significado do trabalho. (COMAZZETTO et al., 2016, p. 150-151).

Outro desafio é entender a questão ética ligada aos jovens da geração Y. Existe a tendência em dizer que esta geração se compõe de pessoas preguiçosas e sem ética, mas os especialistas discordam e alertam que esses jovens têm, na verdade, uma ética diferente, pois preferem trabalhar do seu jeito.

A verdade é que os jovens Y podem ter todas as qualidades associadas à ética profissional, mas como o trabalho é apenas parte de sua vida e não sua própria vida, certas características (confiabilidade, responsabilidade e lealdade) podem se destacar em seus relacionamentos e compromissos pessoais, enquanto outras características (dedicação e busca de realização) se destacam mais durante o horário de trabalho. (LIPKIN; PERRYMORE, 2010, p. 126).

Assim, a mudança organizacional deve partir da empresa, pois os jovens Y só respeitam o chefe, por exemplo, quando este demonstrar que merece respeito; vestem a camisa da empresa quando necessário – e não sempre –; não muda de acordo com as necessidades da empresa, mas espera que a empresa mude de acordo com as suas necessidades; não segue as regras acima de tudo, mas segue as regras que funcionam (e podem estabelecer regras se entenderem que o funcionamento será melhor); e, por fim, não lida bem com horários definidos, pois entende que pode ir embora se o trabalho está terminado (LIPKIN; PERRYMORE, 2010).

André Gorz (2005), ao formular sua crítica ao trabalho empreendido no modelo capitalista neoliberal, que envolve, entre outros fatores, a valorização do consumo desenfreado, a absorção do trabalho associado ao lucro, e tantas outras críticas ligadas às gerações anteriores (geração X e *baby boomers*), também constrói um pensamento associado às novas gerações de trabalho, que ele chama de capitalismo pós-moderno, centrado na valorização de capital imaterial, qualificado como capital humano ou capital do conhecimento. Essa mudança também traz transformações no mundo do trabalho e está associada à geração Y. Esse trabalho imaterial “repousa sobre as capacidades expressivas e cooperativas que não se podem ensinar, sobre uma vivacidade presente na utilização dos saberes e que faz parte da cultura do cotidiano.” (GORZ, 2005, p. 19).

Os jovens dessa geração estão mais ligados ao conhecimento, envolvem sua bagagem cultural no processo de trabalho e sabem que desenvolvem suas principais capacidades produtivas fora do trabalho, em suas vivências pessoais e de cooperação. Não é uma mera força de trabalho, mas um capital humano, parte do processo.

Todas essas questões foram e são consideradas ao refletir sobre o processo de estágio dos alunos do curso de Jornalismo da Escola Superior de

Estágio em jornalismo:

novas oportunidades de atuação para a conquista de conhecimento, valores e saberes

Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM-SP), desde a concepção da regulamentação, passando pelo processo de acompanhamento até a entrega dos relatórios que marcam a formalização do estágio obrigatório.

6 PERFIL DO ESTAGIÁRIO EM JORNALISMO DA ESPM-SP

O regulamento do estágio curricular supervisionado para o curso de Jornalismo da ESPM-SP, instituído no primeiro semestre de 2016, foi construído levando em conta as diretrizes curriculares nacionais para o curso de Jornalismo, instituídas na resolução CNE/CES nº 1/2013, no parecer CNE/CES nº 39/2013, sobre as diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, e nas *Orientações gerais para construção de regulamentos de estágio curricular supervisionado em jornalismo*, propostas conjuntamente pelo Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ) e pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), sem deixar de lado a regulamentação de estágio, nos termos da lei nº 11.788/2008.

É importante ressaltar que, além das diretrizes legais, o regulamento tem forte influência do projeto pedagógico e, conseqüentemente, da matriz curricular desenhada para o curso, que, por sua vez, tem aderência aos valores apresentados pela geração Y (OLIVEIRA, 2010; LIPKIN; PERRYMORE, 2010; COMAZZETTO et al., 2016) e reforçados neste artigo.

Segue-se o instituído nas diretrizes curriculares: o estágio obrigatório tem carga horária mínima de 200 horas, com supervisão de um professor orientador na faculdade e supervisão de um jornalista profissional na instituição onde se realiza o estágio. Tem como principais objetivos: proporcionar ao estudante o intercâmbio de informações e experiências concretas que o prepare para o efetivo exercício da profissão; oferecer ao estudante a oportunidade de realizar uma atividade prática com base nos conhecimentos adquiridos durante o curso de graduação; estimular no estudante a capacidade de diagnosticar, avaliar e propor alternativas aos desafios profissionais encontrados na vivência em organizações; e complementar o processo ensino-aprendizagem promovido pelo curso de Jornalismo mediante o fortalecimento das potencialidades do

200

aluno e de seu aprimoramento profissional e pessoal (ANTONIOLI; ALTHEMAN, 2015).

Seguindo o modelo pedagógico desenhado para o curso de Jornalismo,¹¹ os alunos só podem cursar a disciplina de estágio e cumprir o estágio curricular obrigatório a partir do quinto semestre, quando a matriz curricular se concentra no período noturno.

O estágio não se configura como um mero trabalho para o aluno, onde ele vai desenvolver suas funções sem refletir sobre elas. Ao contrário, ele deve proporcionar a reflexão e análise do aluno sobre suas primeiras experiências profissionais e, principalmente, deve ser um espaço de aprendizagem. Por isso, não pode se configurar como substituição de profissional formado e não pode ocorrer em atividades que não estão relacionadas à formação do aluno.

Não é demais lembrar: importante, ético e moral é entender o que é válido no estágio. Certamente, não é a nota ou o conceito obtido após sua realização nem a carga horária cumprida, mas saber que foi realizado um trabalho em cuja aplicação a universidade demonstrou haver cumprido seu dever de preparar o aluno para uma profissão. [...] A parceria teoria/prática é capaz de formar cidadãos e profissionais competentes, aptos para um trabalho digno do papel que desempenharão na sociedade. (BIANCHI et al., 2015, p. 9).

Além do acompanhamento e orientação de um professor, a regulamentação prevê a entrega de relatórios, que compõem um grande relatório final, durante a disciplina de estágio, para promover a reflexão do aluno sobre suas atividades profissionais. O relatório é composto por cinco partes: a) histórico da empresa e descrição sucinta do relacionamento do estagiário com seu supervisor; b) relatório circunstanciado de atividades, no qual o discente descreve seu cotidiano profissional no estágio, tarefas desempenhadas e aprendizados diversos; c) três cópias de produtos elaborados ao longo do estágio, seguidos de uma análise do processo de produção; d)

¹¹ A matriz curricular do curso de Jornalismo tem suas disciplinas concentradas no período matutino até o quarto semestre, com o objetivo de que o aluno participe das atividades acadêmicas, culturais e didáticas no período da tarde, cumprindo suas atividades complementares, exercitando a prática no Centro Experimental de Jornalismo (CEJor) e formando um portfólio para ingressar no mercado como estagiário. A partir do quinto semestre, a matriz curricular se concentra no período noturno, abrindo espaço na agenda do aluno para que ele busque o estágio em um momento do curso em que ele já possui maturidade profissional e alguma experiência prática, adquirida nas oficinas e atividades promovidas no CEJor.

Estágio em jornalismo:

novas oportunidades de atuação para a conquista de conhecimento, valores e saberes avaliação final do estágio, quando o aluno escreve um memorial sobre o semestre de estágio, incluindo dificuldades e problema enfrentados; e) declaração do jornalista que acompanha o estagiário, apontando as funções desempenhadas.

Realizar um trabalho acadêmico satisfatório exige um esforço intelectual, que concorrerá para que o aluno em sua profissão, no futuro (isto é, na prática), saiba utilizar-se corretamente de procedimentos intelectuais a seu alcance, que poderiam passar despercebidos. Planejar, projetar utilizando recursos teóricos e práticos facilitará a execução do que pretende. (BIANCHI et al., 2015, p. 81).

Por isso, a disciplina de *Estágio Supervisionado*, para ter bons resultados pedagógicos, precisa exigir a reflexão intelectual do aluno acerca de seu desempenho como estagiário, o que será apresentado por meio dos relatórios supracitados.

A partir do indicado no regulamento de estágio – quinto semestre – o discente pode escolher em que momento cursar a disciplina de estágio supervisionado, o que acarreta no acompanhamento direto do professor orientador e na execução dos relatórios mencionados, desde que a disciplina seja cursada de modo concomitante ao estágio.

No curso de Jornalismo da ESPM-SP, a disciplina de estágio teve início no primeiro semestre de 2016, com a primeira turma que estava no quinto semestre; no semestre seguinte, incluiu também alunos do sexto semestre; em 2017, já inclui alunos de sétimo e oitavo semestres, conforme tabela abaixo:

TABELA 1 – ALUNOS QUE CONCLUÍRAM A DISCIPLINA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO DESDE 2016

Semestre	Alunos do 5º	Alunos do 6º	Alunos do 7º	Alunos do 8º	Total
2016/1	13	0	0	0	13
2016/2	3	9	0	0	12
2017/1	14	12	20	0	46
2017/2	0	15	9	4	28

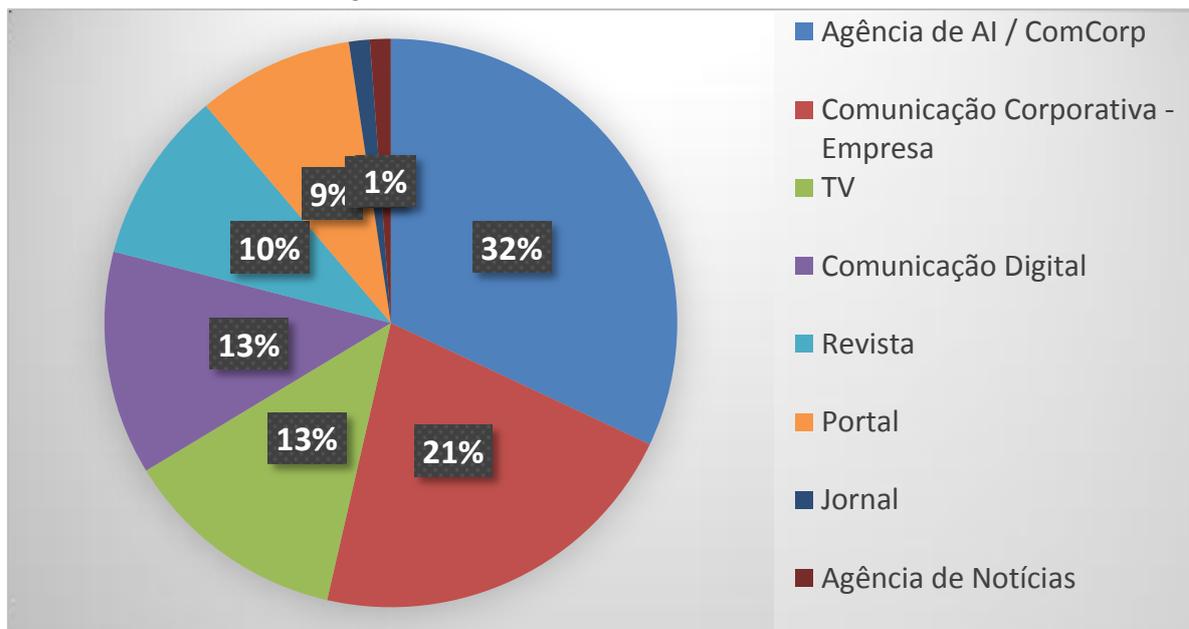
Fonte: As autoras.

Apesar do desejo de muitos alunos em estagiar em áreas do Jornalismo clássico, como TV, rádio e mídia impressa, a grande maioria dos alunos está

fazendo estágio na área de comunicação corporativa, seja em agências de comunicação ou em empresas privadas. É importante ressaltar que a área antes denominada de jornalismo empresarial, que hoje integra a comunicação organizacional, tem se mostrado um campo profícuo para o estudante de Jornalismo, especialmente para o aluno da ESPM. Devido à matriz curricular do curso, que engloba diversas disciplinas de comunicação organizacional, bem como marketing, empreendedorismo e planejamento, as agências e empresas têm buscado costumeiramente os discentes desta instituição e o *feedback* tem sido positivo na maioria das vezes.

Outra área que cresce no jornalismo é a comunicação digital ou associada a conteúdo multimídia: 13% dos alunos estão trabalhando nessa área e 9% em portais, como mostra o gráfico abaixo:

GRÁFICO 1 – ÁREAS EM QUE OS ALUNOS DE JORNALISMO DA ESPM-SP FAZEM ESTÁGIO



Fonte: As autoras.

Os valores observados anteriormente, relacionados à geração Y, se confirmam nesse processo de orientação de estágio. Os alunos, durante a disciplina de estágio, costumam relatar suas aspirações ligadas mais ao reconhecimento de seu trabalho do que à ascensão na carreira a longo prazo.

Outra perspectiva importante é que os discentes buscam empresas que tenham não somente valores sociais e humanos que busquem uma sociedade mais humanizada, mas também que esses valores sejam praticados pela

Estágio em jornalismo:

novas oportunidades de atuação para a conquista de conhecimento, valores e saberes empresa. Não é raro estudantes relatarem um discurso dissociado da prática no dia a dia, o que os leva à frustração e ao desligamento da empresa.

E, por fim, há o constante desejo de vivenciar novas experiências profissionais. Os estudantes não costumam ficar muito tempo na mesma empresa, pois querem conhecer outras áreas do jornalismo para escolher aquilo que gostam mais, corroborando com a ideia de que a geração Y não coloca a realização profissional acima da pessoal.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo busca discutir o processo de estágio supervisionado do curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing análogo ao processo de precarização da profissão, à abertura de novas áreas de atuação e à geração que passa, atualmente, por esse processo de estágio, a chamada geração Y.

Importante observar que o discurso de precarização do jornalismo, com a consequente transição da profissão para novas propostas e diretrizes, perpassa pela transição da geração que chega ao mercado, marcada por valores diferentes das gerações anteriores. Se antes o trabalho vinha em primeiro lugar e o desejo era fazer carreira em uma mesma empresa, hoje os jovens integram a vida pessoal na vida profissional facilmente e abrem mão de uma empresa se esta não condizer com seus valores (LIPKIN; PERRYMORE, 2010).

Se a geração Y é a geração do conhecimento e das tecnologias, nada melhor que esta geração invada as novas tendências do jornalismo. O processo de produção da notícia não muda, mas as formas de divulgação sim. E é esta geração que terá condições de serem absorvidos por esse mercado, para resolver problemas que ainda nem existem, para propor soluções inovadoras e criativas (OLIVEIRA, 2010). Desde que a empresa não os decepcione. O desafio é como motivá-los.

O processo de estágio é uma oportunidade para a reflexão e análise dessas motivações que movem o jovem: é o momento de errar e aprender com o erro; momento de mudar e ver outras perspectivas; momento de repensar a própria conduta. Completar o estágio, portanto, é aprimorar conhecimentos. É uma experiência a ser cumprida para uma formação mais completa. 

REFERÊNCIAS

ALVES, Marcelo. O diploma de jornalismo no acórdão do STF e as articulações pelo retorno da profissão regulamentada. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Intercom, 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/indiceautor.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

ANTONIOLI, Maria Elisabete; ALTHEMAN, Francine. **Regulamento do estágio curricular supervisionado para o curso de bacharelado em Jornalismo**. São Paulo: ESPM, 2015.

BERGAMO, Alexandre; MICK, Jacques (Coord.); LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho (2012). Síntese dos principais resultados. Florianópolis: TMT/UFSC, 2012. Disponível em: <<http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>>. Acesso: 20 ago. 2017.

BIANCHI, Anna Cecília de Moraes; ALVARENGA, Marina; BIANCHI, Roberto. **Manual de orientação**: estágio supervisionado. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nºs 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CES nº 39/2013. Diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em Jornalismo.

_____. Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013. Institui as diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências.

CIA DE TALENTOS. **Carreira dos sonhos**. Disponível em: <<http://www.ciadetalentos.com.br/esj/brasil.php>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

COMAZZETTO, Letícia Reghelin et al. A geração Y no mercado de trabalho: um estudo comparativo entre gerações. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 145-157, jan./mar. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n1/1982-3703-pcp-36-1-0145.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

DIRETRIZES curriculares nacionais para o curso de Jornalismo. Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação. Brasília: Ministério da Educação, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2017.

FÍGARO, Roseli. O perfil do jornalista e os discursos sobre jornalismo: um estudo das mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo. **Agência Fapesp**, 2013.

Estágio em jornalismo:

novas oportunidades de atuação para a conquista de conhecimento, valores e saberes

FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO; FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Orientações gerais para construção de regulamentos de estágio curricular supervisionado em jornalismo.** Brasília, 2015. Disponível em: <<http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2015/07/01.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

GORZ, André. **O imaterial.** Conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento.** A gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

LIPKIN, Nicole; PERRYMORE, April. **A geração Y no trabalho:** como lidar com a força de trabalho que influenciará definitivamente a cultura da sua empresa. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser jornalista no Brasil:** identidade profissional e formação acadêmica. São Paulo: Paulus, 2013.

MELO, José Marques. **Teoria do Jornalismo.** Identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.

OLIVEIRA, Sidnei. **Geração Y:** o nascimento de uma nova versão de líderes. São Paulo: Integrare Editora, 2010.

RENAULT, Emmanuel. Reconnaissance et travail. **Cairn**, Lyon, n. 18, p. 119-135, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-travailler-2007-2-page-119.html>>. Acesso em: 20 ago. 2017.